

ABERTURA DO ENCONTRO DE ÓRGÃOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA DIÁSPORA AÇORIANA: DESAFIOS ATUAIS E FUTUROS

Horta, 22 de abril de 2016

Transcrição da intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro

Uma saudação a todos. Permitam-me que comece por vos dizer que é um gosto estar aqui a partilhar este momento de reencontro à volta da comunicação social e da informação, no fundo, à volta dos Açores neste encontro organizado pelo Governo dos Açores, que pretendeu congregar não apenas os órgãos de comunicação social da nossa Diáspora – da Bermuda, do Brasil, do Canadá, dos Estados Unidos -, mas também do continente português.

Gostaria de partilhar nesta intervenção algumas ideias que estão à volta da intenção de organizar este encontro e da forma como nós julgamos que ele poderá ter utilidade para os Açores e, esperamos nós, também para a nossa Diáspora.

A razão deste convite radica, desde logo, na consciência da importância do vosso trabalho e do vosso papel, quer dos órgãos de comunicação social da Região, quer dos órgãos de comunicação social da nossa Diáspora, e também, na esperança de podermos criar as condições para que seja fortalecida esta a relação e este intercâmbio.

A segunda ideia que gostava de partilhar convosco tem a ver com o gosto que é dar-vos as boas vindas aqui neste espaço, neste Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos.

Um espaço que marca bem aquilo que, ao longo de séculos, tivemos de enfrentar nos Açores, aquilo a que tivemos de sobreviver, mas também - facto que considero não desprecioso - a nossa capacidade de transformar as calamidades em algo de positivo e de transformador da nossa sociedade.

Este Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos é bem o exemplo de como, a partir de um vulcão que esteve na origem de um dos maiores movimentos migratórios de Açorianos para os Estados Unidos e para o Canadá, aqueles que ficaram transformaram esse acontecimento num ativo da nossa Região, num ativo da ilha do Faial e da nossa realidade.

E o que pretendemos nós com este encontro? Em primeiro lugar, certamente, uma homenagem. Uma homenagem àqueles que partiram e à ligação que sempre mantiveram, em larga medida através dos órgãos de comunicação social das nossas comunidades, com este sentir Açoriano, com os Açores.

Uma homenagem às histórias de sucesso das nossas comunidades, mas também uma homenagem que tem e deve ter a consciência daqueles que são os casos de não tão grande

sucesso, porque aqueles que tiveram de ultrapassar essas histórias menos boas nas nossas comunidades também fazem parte deste património que é esta dimensão ou esta experiência da emigração.

Em segundo lugar, dar a conhecer os Açores de hoje e, perdoar-me-ão a ousadia de fazer uma precisão: não os Açores de 2016, com todas as interpretações, umas mais benévolas outras menos benévolas, que esse objetivo pudesse ter, mas a Região que, ao longo dos últimos 40 anos, foi possível fazer e que, de forma nenhuma, é a Região que muitos daqueles que partiram conheceram.

É importante, até para este processo de atualização da relação entre os Açores e as suas comunidades, que não fiquemos pelo conhecimento da Região que muitos deles deixaram, mas que seja possível também salientar a Região que somos hoje, uma Região que fez um percurso que eu considero como uma das grandes histórias de sucesso do Portugal democrático em Autonomia, com os seus órgãos de governo próprio.

No fundo, aquilo que, ao longo de 40 anos, – este ano celebram-se, exatamente 40 anos de Autonomia - foi possível fazer do ponto de vista de criação de condições de conforto, de bem-estar, de desenvolvimento, de progresso aos mais variados níveis nestas nove ilhas dos Açores.

Este aspeto parece-me fundamental para que seja possível, de certa forma, fazermos uma atualização desta relação entre os Açores e a Diáspora.

Uma Região que, ao longo destes 40 anos, construiu um percurso em Autonomia, um percurso de sucesso, fruto do contributo das mais variadas formações, até ideológicas, sociais, fruto também desta tensão criadora que se gera entre a proposta e a crítica, fruto, no fundo, daquele que foi um trabalho também daqueles que ficaram.

Uma Região, em suma, que deve estar consciente, confiante e segura daquela que é a sua história de sucesso e tão mais confiante, tão mais segura para ter a capacidade para reconhecer aquilo que não correu bem, aquilo que, porventura, não correu da forma que aqueles que, ao longo de 40 anos, tiveram a responsabilidade de conduzir os destinos da Região nas mais variadas funções - legislativas, executivas - gostariam até que tivesse corrido de outra forma.

Mas dar a conhecer também – parece-me importante - comunidades de uma Diáspora que não são hoje aquilo que eram há alguns anos atrás. Dar a conhecer uma Diáspora e comunidades nas quais a ligação afetiva se encontra mais esbatida hoje, em muitos casos, até pela lei natural da vida.

A questão está, exatamente, em saber como podemos manter esta ligação e fortalecê-la tendo, por um lado, uma Região que não tem a experiência da emigração na dimensão que já teve, que tem hoje níveis de desenvolvimento que, porventura, não colocam de forma tão premente esta necessidade de emigrar, e, por outro lado, comunidades de segunda e de terceira gerações que o que conhecem dos Açores é o que lhes foi dito e não aquilo que poderão ter vivido.

Julgo que, nessas duas componentes do ‘dar a conhecer’, os órgãos de comunicação social têm um papel absolutamente fundamental. Depende, em larga medida, do vosso trabalho o sucesso deste objetivo de dar a conhecer a Região e de dar a conhecer a nossa Diáspora.

É essa, também, a ideia deste encontro - criar as condições para que aqueles que, sendo da Diáspora, estão hoje aqui connosco, ao longo destes dias possam conhecer melhor os Açores, e também permitir aos órgãos de comunicação social da Região um intercâmbio, um conhecimento, um contacto que possa dar a conhecer melhor esta nova realidade da nossa Diáspora.

Nós temos de ser capazes, a começar também pelas entidades públicas, de descortinar novas vias, novas formas e novos instrumentos para fortalecer esta ligação que assenta, não tanto na componente afetiva conforme referi, mas que suscita o interesse e a atenção nos dias de hoje.

Eu não quero de forma nenhuma que as minhas palavras sejam interpretadas como menorizando essa componente afetiva, menorizando essa experiência da emigração, mas o facto é que o tempo, hoje, coloca-nos novos desafios e, para esses desafios, hoje, como no passado, o vosso contributo é essencial.

No passado, para manter e fortalecer essa ligação afetiva, hoje, para criar, para construir, para lançar os alicerces de uma nova relação à volta de outros interesses, de outras componentes que podem manter viva a chama desta ligação entre os Açores e as comunidades da Diáspora.

Da parte do Governo dos Açores, dizer-vos que, conseguidos esses objetivos, ou, pelo menos, iniciando a forma de conseguirmos esses objetivos, já terá valido a pena este encontro, já terá valido a pena esta iniciativa, na medida em que se poderão, a partir daqui, abrir novos caminhos para esta nova realidade.

O meu agradecimento, em primeiro lugar, ao Dr. Lopes de Araújo pela sua intervenção. O meu agradecimento a todos aqueles que aceitaram o nosso convite para estar aqui presentes, da Diáspora, dos Açores, e os votos de um excelente trabalho.

Muito obrigado.